

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E SAÚDE ESCOLAR em ESCOLAS CARIOCAS – o caminho do GEASE (Grupo de pesquisa em Educação Ambiental e Saúde Escolar)

Hedy Silva Ramos de Vasconcellos*

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta o início e uma parte do caminho percorrido por um grupo de pesquisas que se automeceu de EDUCAÇÃO AMBIENTAL E SAÚDE ESCOLAR-GEASE, desde o início dos anos 1990, no Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

As pesquisas por ele realizadas apontam para a preocupação, de sua fundadora e dos seus participantes, com a realidade concreta, considerando a educação como um processo, uma ação-reflexão incessante em um mundo em constante transformação. Obedeceu ao impulso de participar do processo de mudança do processo civilizatório, trabalhando com novos paradigmas. Assim, a partir de atividades acadêmicas de ensino, pesquisa e extensão em que os fenômenos socioambientais foram observados de perto, não temendo o turbilhão afetivo surgido ao vivenciar a realidade. Realidade que o espanta, mas, também o convoca e leva o pesquisador clínico – que observa o fenômeno com sua presença física junto a ele – a *sofrer, agüentar, suportar, tolerar, deixar-se levar por* (HEIDEGGER, 1979, p. 71) um desejo de *ação comunicativa* (HABERMAS, 1989) contaminadora e promotora de mudanças socioambientais, educando para a formação de uma outra sociedade (FREIRE, 1979). A relação entre a saúde escolar e a educação ambiental é vista através da realidade histórica do Brasil e permaneceu como uma síntese atual da visão biopsicossocial do ser humano (VASCONCELLOS et alii, 1995).

* Coordenadora do GEASE. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/ PUC-Rio. Doutora em Educação pela UFRJ. hedy@puc-rio.br

AUTORES INSPIRADORES DE NOSSAS REFLEXÕES

Para o grupo, a educação é sempre ambiental. Mas o ambiente escolhido para seus estudos é o escolar, oficialmente voltado para este processo intelectual, físico e social, exclusivamente humano, chamado educação.

Nosso caminho inspirou-se, entre muitos outros autores e obras, na visão de complexidade de MORIN (1996), na educação emancipatória de ADORNO (1995), na ação comunicativa de HABERMAS (1989), e na pedagogia expressa nas obras de FREIRE (1979). Metodologicamente, apoiou-se na fenomenologia hermenêutica, analisando a linguagem dos grupos estudados sob diferentes aspectos (BARDIN, 1977) para a compreensão do que está imanente, trabalhando com a observação direta típica da aplicação de técnicas antropológicas em pesquisa educacional (ANDRÉ, 1995 a e b) e nas propostas de pesquisa qualitativa de LÜDKE&ANDRÉ (1986). Enveredou, algumas vezes, na pesquisa-ação de THIOLENT (1985), e tantos outros autores da América Latina. A integralidade das três ecologias de GUATTARI (1991); a visão histórica-política de CARVALHO (1991) e PÁDUA (1995); o conceito de espaço de SANTOS (1997) acompanhou-nos. Passeamos pelos novos campos da física com CAPRA (1992) e PRIGOGINE (1984 e 1996).

Destacamos, neste percurso, como uma constante, a ênfase na compreensão dos fenômenos estudados, apoiada na linguagem e na visão crítica que busca a construção de uma educação emancipadora, integradora da complexidade do universo, aqui e agora.

QUEM SOMOS¹

No decorrer dos dezessete anos, de 1993 a 2010, muitos foram os

¹ **Iniciação Científica (CNPq)** Ciléia Amaral, Marcito Teixeira – 2002/2003 – Eulina Silva, RenataTocantins, Marta Garzia – 2001- Raquel Guimarães e Katherine Ferreira – 2000 - Jorge Silva-1999; (**FAPERJ**) – Jorge Silva- 1998; (**CNPq**) – Leonardo Azevedo – 1998- Helga Silva- 1997, Tatiana Levy -1995, Adriana Laport - 1993; (**Fundação MUDES**) – Saula Souza, Joy Trindade, Adriana Ribeiro,1994; **Quota CNPq, I.C.** – Fernanda Baena, Cláudia Girelli Pires; Auxiliar de pesquisa graduada: CNPq-Maria Sonia Abreu-1994/1995. **Participantes do GEASE, SEM BOLSA**, todos alunos de cursos de pós-graduação: Especialização: Cecília Marzo - 1992/1993- Teresa Autuori, Tereza Ribeiro, Juliana B.Feijó, Ana Augusta de Medeiros (2005-2009); Mestrado: Beatriz Matos (1992/1994); Luciana M. Ribeiro, Eloíza D. Neves, Renata Osborne, Andréia Farias,Rita Abreu,Luciana Alves (2000-2002), Doutorado: Celso Sanchez, Luciana M. Ribeiro e Cláudia L. Piccinini (2004-2009). Doutora recém aposentada, da UFRJ, Eliana Géa (2000).

pesquisadores e auxiliares de pesquisa que fizeram parte do GEASE e, durante algum tempo, o enriqueceram. Aqui me ocorre comparar o GEASE a um rio que no seu curso tanto acolhe afluentes quanto distribui as suas águas, no seu entorno, para enriquecer o ar, as terras e os seres vivos. Nesse percurso só a coordenadora não mudou. Nos últimos cinco anos nossa ação se concretizou em uma proposta de formação mais ampla de educadores ambientais², planejada e executada com os doutorandos desta época.

O grupo viveu através dos seus alunos de Graduação (iniciação científica, apoiados pelo CNPq, FAPERJ e, até, pela Fundação MUDES), do Mestrado (apoiados pela CAPES ou pelo CNPq) e do Doutorado (CNPq). Eram alunos dos cursos de Pedagogia (a maioria sendo da PUC-Rio, mas uma freqüentando a UFRJ), Psicologia e Geografia, os da Graduação.

Nem todos os alunos obtiveram bolsa de pesquisa, muitos participaram apenas por curiosidade científica, para a sua formação profissional ou acadêmica, para desenvolverem suas pesquisas para Monografias, Dissertações ou Teses. Seus nomes podem ser lidos abaixo, na nota 1.

O GEASE e suas repercussões sociais

Tudo começou com um olhar de estranhamento no entorno do campus universitário. A topografia (o vale da Gávea), os contrastes sociais: universitários de classe média alta, estudando, no curso de Pedagogia, na disciplina Biologia Educacional II, o ambiente educacional e a saúde escolar de escolas públicas freqüentadas por crianças moradoras das favelas circunvizinhas, buscando compreender seus problemas bio-psico-sociais, e como pedagogicamente superá-los. Houve a disciplina eletiva, com alunas do Mestrado, sobre Educação e o ambiente na periferia urbana, com trabalho de campo na favela da Rocinha, em 1992. Disto tudo surgiu o primeiro projeto de pesquisa, intitulado “Educação e saúde no vale da Gávea” que, embora não tivesse, como projeto, recebido apoio do CNPq, mereceu um programa da TV Educativa e deu origem ao capítulo de um livro, já em sua sexta edição

² Curso de Especialização em Educação Ambiental, EDU/CCE/PUC-Rio (Duas turmas formadas entre 2005- 2009)

(VASCONCELLOS, 2008) e ao GEASE.

Durante os encontros semanais, os planejamentos de ação e os debates sobre as leituras feitas visavam, nesse primeiro trabalho, junto com escolas interessadas, organizar seus projetos político-pedagógicos em educação ambiental, com a compreensão dos seus princípios, propostos desde Tbilisi, em 1977, e renovados no Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, de 1992.

Era uma pesquisa-ação envolvendo o GEASE, a administração das escolas, professoras, funcionários, alunos e responsáveis interessados, uma proposta metodológica de caráter participativo, “com uma visão crítica da modernidade, combinando a participação comunitária nas decisões com métodos de pesquisa social e antropológica, procurando integrar as alternativas de análise e de solução dentro do mesmo processo investigativo para a mudança de estruturas sociais” (VASCONCELLOS, 2008, p. 260).

Logo, em 1994, concebemos outro estudo (este aprovado como Projeto Integrado, pelo CNPq) em que buscávamos conhecer uma variedade maior de escolas e situações escolares, agora usando metodologia descritiva, com inspiração fenomenológica (CAPALBO, 1979), e buscando as relações históricas entre educação e saúde nas escolas de nossa cidade que durante mais de um século foi a capital do país. Durante os anos desta pesquisa, de 1994/1995 ocorriam graves problemas de saúde pública que pudemos acompanhar de perto. Destacariamos a preocupação com o aumento da gravidez precoce nas escolas, desde os dez anos de idade, recém confirmada por levantamento da Secretaria Municipal de Saúde, o surto de cólera e o de dengue. As três ecologias, a nova aliança e o contrato natural eram entusiasticamente discutidos por nós, junto com as leituras críticas de diversos autores locais sobre os riscos da nossa infância e dos documentos governamentais sobre o assunto. Essa foi a pesquisa “Educação e saúde no Município do Rio de Janeiro: proposta e realidade” (Vasconcellos, 1995) com longo tempo de observação direta e entrevistas que envolveram toda a equipe, junto às escolas, aos postos de saúde e aos encontros da equipe mista das Secretarias Municipais de Educação e de Saúde. Seus resultados, além do seu Relatório, foram divulgados em artigos e congressos, alguns citados abaixo.

Nos anos de 1996 a 1999, desenvolveu-se um novo Projeto Integrado, “A saúde da criança carioca no ambiente escolar do 1º grau”.

Esse Projeto estudava escolas identificadas como de boa qualidade de ensino (altos índices de aprovação e permanência durante os quatro primeiros anos do curso Fundamental). Buscávamos saber como, com as mesmas condições de apoio político municipal, desenvolviam uma educação ambiental de qualidade, em um ambiente saudável físico, mental e social. Encontramos em nossa demorada permanência nas escolas, uma rede de relações sociais “*virtuais e ao mesmo tempo reais porque utilizada no processo de ação*” (SANTOS, 1997:20 apud VASCONCELLOS, 2002 (a) p. 146). A rede de relações que encontramos envolvia: *relações familiares e não familiares de solidariedade e de conflito; relações transcendentais (...) o desenvolvimento da consciência crítica e da própria auto-estima. (...) O diálogo, cotidiano (...). A expectativa dos alunos (e a resposta positiva aos mesmos) do que a escola lhes daria.(...) A paixão declarada, pelo seu trabalho, de educadores...(...) A confiança expressa pelos pais* (Vasconcellos et alii, 1999 (a): 68-69).

Ainda em 1999, foi desenvolvida outra pesquisa sobre a produção de Teses e Dissertações com a temática de Educação Ambiental, no Brasil, que deu origem a uma revista (VASCONCELLOS, 1999 (c)), e, mais tarde, inspirou uma Dissertação (ALVES, 2006) e uma Monografia (MEDEIROS, 2009).

A forma de agir que consideramos inovadora, das últimas escolas estudadas pela equipe do GEASE, provocou a organização de um novo Projeto, também aprovado pelo CNPq (VASCONCELLOS, 2002 (b)). Essa pesquisa trabalhou com autores que contribuem para o estudo ligado à atual globalização e suas conseqüências ecológicas. Refletiu sobre a utopia da sociedade justa e da sustentabilidade do *habitat* humano, na atual sociedade de consumo. Neste clima foi efetuado o trabalho de campo sobre a vivência do currículo escolar nas escolas. Aí foi confirmada a importância das inovações provocadas pelas redes de relações estabelecidas. O espaço, o currículo oficial, os Projetos Político-pedagógicos foram confrontados com as linguagens pedagógicas e os procedimentos didáticos observados, os conteúdos do currículo vivenciado por nós, analisado em relação ao perfil da equipe escolar (administradores, técnicos, professores e funcionários). Nas conclusões, consideramos, pelas observações diretas durante três anos, pelas entrevistas e levantamento documental, que, na época e nas escolas estudadas, podia-se afirmar que: “*a escola pública é o espaço ainda não*

contaminado pela sociedade de consumo capaz de educar ambientalmente, quando os adultos que a ocupam centralizam seus interesses na melhor educação que podem dar às crianças, com os recursos que podem oferecer a elas. O segredo é usar muito bem o que se pode obter.” (Vasconcellos, 2002 (b), p.46).

As salas interativas observadas preparavam os novos para a virtualidade, com ou sem computadores, porque a imaginação é o tesouro da humanidade que vimos ser explorado. Lá, o hipertexto estava presente. Os debates em círculo com crianças mostravam, por outro lado, o nível de reflexão que a prática de ouvir os novos e discutir as suas vivências individuais e coletivas nos levava (professores alunos e até observadores participantes), a todos.

Para transformar o mundo que está em eterna mudança, é preciso conhecer, primeiro, o que está bem perto de nós e, também o que está distante mas nos é trazido pela sociedade da informação. Isso nos facilita dirigirmos as mudanças para o bem coletivo que desejamos. Quanto mais se sabe, mais a curiosidade nos leva a ousar, a transgredir regras, para o bem comum. Reflexões sobre fatos reais levavam a reflexões profundas e importantes para a compreensão e, até as propostas de soluções, para uma vida com direitos reais para todos.

Ainda foi gerado um pequeno trabalho pelo GEASE (Vasconcellos et alii, 2003) sobre o programa de coleta seletiva de lixo na PUC-Rio, que envolvia uma organização de alunos da universidade: os chamados ecovoluntários.

O Projeto atual, sem financiamento, mas com o apoio técnico da Secretaria Municipal do Rio de Janeiro, procura aprofundar o estudo do processo da formação voluntária de educadores ambientais, cada vez mais necessários diante da multiplicidade de problemas sócio-ambientais. Analisa também o apoio porventura recebido por esses educadores, através do sistema oficial de educação fundamental e das novas tecnologias que ampliam, de modo há poucas décadas atrás inexistente, o ambiente da educação.

CONCLUSÃO

A educação e a saúde, principalmente das crianças, vive um novo momento que exige de nós uma nova forma de educar ambientalmente, ainda em processo de descoberta e registro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, T. *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- ALVES, L. e S. A. *Educação Ambiental e a pós-graduação: um olhar sobre a produção discente*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2006.
- ANDRÉ, M. *A etnografia da prática escolar*. Campinas, SP: Papyrus, 1995 a.
- _____. Avanços no conhecimento etnográfico da escola. In: FAZENDA, I. (Org.) *A pesquisa em educação e a transformação do conhecimento*. Campinas, SP: Papyrus, 1995 b.
- CAPALBO, C. *Metodologia das ciências sociais: a fenomenologia de Alfred Shutz*. Rio de Janeiro, Antares, 1979.
- CARVALHO, M. *O que é natureza*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- CAPRA, F. *O ponto de mutação*. São Paulo: Cultrix, 1992.
- FREIRE, P. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- GUATTARI, F. *As três ecologias*. Campinas, SP: Papyrus, 1991.
- HABERMAS, J. *Consciência moral e agir comunicativo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- HEIDEGGER, M. *Conferência e escritos filosóficos*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- LÜDKE, M. & ANDRÉ, M.E.da C. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- MEDEIROS, A. A. *A produção e a temática em Educação Ambiental na pós-graduação da PUC-Rio*. Monografia (Especialização em Educação Ambiental) – Rio de Janeiro: CCE/EDU/PUC-Rio, 2009.
- MORIN, E. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- PÁDUA, J. *O que é ecologia*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- PRIGOGINE, I. & STENGERS, I. *A nova aliança: a metamorfose da ciência*. Brasília: Universidade de Brasília, 1984.
- _____. *O fim das certezas*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1996.
- SANTOS, M. *A natureza do espaço*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 1985.
- VASCONCELLOS, H.S.R. A pesquisa-ação em projetos de educação ambiental. In: PEDRINI, A. G. (Org.) *Educação ambiental: reflexões e práticas contemporâneas*. 6ª Edição. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008.
- _____. SANCHEZ, C.; PICCININI, C.; RIBEIRO, T. *A formação do educador ambiental: caminhos para a delimitação de um objeto de pesquisa em educação ambiental*. 29º Reunião anual da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação-ANPEd, de 15-18 de outubro de 2006. Caxambu, MG, Brasil. ANAIS In: www.anped.org.br. 07/04/2010.

_____. (Coord.), AMARAL, C. F. do & TEIXEIRA, M. de J. *Educação ambiental no campus: o programa de coleta seletiva de lixo*. Relatório final de pesquisa. Programa de Iniciação Científica-PIBIC/ PUC-Rio/CNPq, 2003.

_____. Educação ambiental para uma sociedade justa e sustentável. In: FONSECA, D. P. R da & SIQUEIRA, J. C. de (Orgs). *Meio ambiente, cultura e desenvolvimento sustentável*. Rio de Janeiro: Sette Letras/ Historia y Vida, 2002. (a)

_____. (Coord. e Rel.). *Inovação pedagógica? A educação ambiental e em saúde no currículo da escola pública*. Relatório de Projeto Integrado. Rio de Janeiro: PUC-Rio/CNPq, 2002. (b)

_____. (Coord.),SILVA,J.V.da; FERREIRA, K. R. C. ; AZEVEDO, L. S. G. de;GUIMARÃES, R. P. *A saúde da criança carioca no ambiente escolar do 1º grau*. Relatório do Projeto Integrado. Rio de Janeiro: PUC-Rio/CNPq, 1999. (a)

_____. *La salud de los niños cariocas en la escuela*. In: Foro Permanente de Educación Internacional para la Integración y Desarrollo de las Naciones. Anais do 2º Congreso Mundial de Educación Internacional, Integración y Desarrollo, UNESCO/Universidad Argentina de la Empresa. Buenos Aires, 1999.(b)

_____. (Coord.),SILVA,J. V. da; FERREIRA, K. R. C. & GUIMARÃES, R. P. A Educação Ambiental na Universidade: um banco de dados. *EDUCAÇÃO.nº51*. Rio de Janeiro: / Departamento de Educação/PUC-Rio, 1999, 79p.(c)

_____. *Environmental Education and Child Health in Primary Education*. In: 3. Brazilian-German Workshop for Exchange in Environmental Science and Technologies. Ulm University, Alemanha: Ulm, 1996.

_____. (Coord.) ABREU, M.S.; PIRES, C.G.G; BAENA, F.C.P..*Educação e saúde no município do Rio de Janeiro: proposta e realidade*. Relatório do Projeto Integrado. Rio de Janeiro: PUC-Rio/CNPq, 1995.

_____. Educação escolar na questão da cidadania. *Revista Brasileira de Saúde Escolar*, SãoPaulo: v.3, n. 1-4, p. 194-197, 1994.